

Midiatização, disrupções, regulações e adaptações: hipóteses sobre as relações entre o boato e a notícia no caso “a Bruxa de Guarujá”

Micael Behs

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Sao Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Jairo Ferreira

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Sao Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil

Resumo

Este artigo apresenta uma hipótese sobre o caso midiático que designamos como “a Bruxa de Guarujá”, um processo sociomidiático com especificidades emergentes nas redes sócio-digitais, que culminou na forma de linchamento e morte de uma mulher inocente. Em primeiro lugar, contextualizamos o tema, a perspectiva epistemológica (a perspectiva da midiatização, especificamente sobre disrupção, regulação e adaptação em processos midiáticos) e o método (abdução como central no processo de inferências). Posteriormente, problematizamos o caso midiático em sua singularidade, numa tensão entre lógicas do boato e lógicas da informação jornalística, situada no contexto dos usos dos meios em rede por atores e instituições. Em termos de conclusão, apresentamos a hipótese (caso acadêmico) sobre o tema abordado, após um conjunto de acionamentos metodológicos que nos possibilitaram consolidar esquemas e diagramas fundamentados.

Palavras-chave:

Mediatização. Disrupção. Regulação. Adaptação. Boato. Jornalismo.

Introdução

Ao longo deste artigo, apresentamos a construção de um caso de pesquisa empírica na perspectiva da linhagem midiatização e processos sociais. O tema se refere ao acontecimento midiático conhecido como “Bruxa de Guarujá”. Esse se configura a partir de um boato gestado midiaticamente, em rede (envolvendo atores sociais, instituições e o campo jornalístico), sendo alimentado pela suposta existência de uma sequestradora que raptava e matava crianças na comunidade de Morrinhos, bairro de ocupação recente situado na periferia da cidade de Guarujá, no litoral paulista, Brasil. O desfecho foi o linchamento de uma dona de casa (acusada de ser sequestradora), Fabiane Maria de Jesus, 33 anos, mãe de duas filhas, no dia 3 de maio de 2014.

A transformação do caso midiático em caso acadêmico requer sua localização no

espaço de questões epistemológicas. Nossa formulação parte das interfaces sugeridas por hipóteses concorrentes sobre os processos adaptativos da espécie em relação ao ambiente midiático em redes. As hipóteses apresentadas em Ferreira (2016a) remetem à investigação de três possibilidades de adaptação perante a mutação dos processos midiáticos quando observados os usos nas interações sociais mediadas por meios constantemente inovados: a) a indeterminação, incerteza e disrupção (FERREIRA, 2016a; FERREIRA, 2016) agenciadas pela semiose midiaticizada no contexto das redes digitais; b) a regulação acionada pelas técnicas e tecnologias (algoritmos) incidindo sobre os processos disruptivos, direcionando os processos midiáticos para formas de controle socialmente aceitas, reduzindo a incerteza e a indeterminação; c) os processos adaptativos da espécie concebidos como novas formas de inteligibilidade, individual e social, em que atores, indivíduos, instituições e organizações manifestam a capacidade de auto-organização das mentes. Essas hipóteses não são antagônicas nem excludentes. Ou seja, os três processos possíveis (hipotéticos) estão em relação, interpenetrados, de forma contraditória, em tensões diversas, passíveis de análise e investigação empírica, no contexto da linhagem de pesquisa (midiatização e processos sociais).

Contexto das hipóteses numa abordagem sobre o que é midiatização

Em determinado momento, sugerimos a midiatização como relações e intersecções entre dispositivos midiáticos, “processos sociais” e “processos de comunicação” (FERREIRA, 2007). Essa formulação precisa ser especificada, incluindo suas interpenetrações matriciais: a) os processos de comunicação se referem àquilo que pode ser observado como interações sociais, incluindo as possibilidades das conversações: versões, perversões, inversões e todas as variações do verso quando nas interações entre dois ou mais interlocutores (atores, organizações e instituições); b) os dispositivos são meios que podem ser observados como os meios signos mentais, suas materializações técnicas e tecnológicas e as simbólicas sociais construídas nos acessos, usos, práticas e apropriações; c) os processos sociais são relativos aos fluxos que podem ser observados entre Eclésia, a Ágora e a Oikos, produzindo-se aí transformações das relações “entre” e “dentro” de cada uma dessas esferas. Por interpenetração matricial nos referimos aos processos em que cada uma das dimensões aciona a outra, sucessivamente, de forma autopoietica e fractalizada. Interações-versões, meios-dispositivos e processos sociais se interpenetram.

Nessas matrizes, convergindo com Verón (2014), a midiatização é, antes de tudo,

a materialização em meios da experiência mental. Caracteriza, portanto, a gênese antropológica da espécie. O fato de que o amadurecimento reflexivo (epistemológico) da espécie só tenha tomado consciência dessa relação no contemporâneo, a partir das realizações em meios como o livro, jornal, rádio, televisão e nas redes, evidencia uma máxima de Marx: *a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco*. Em outras palavras, é contemporânea a reflexão sobre os meios de interação e de comunicação (FERREIRA, 2018).

Por esse fio reflexivo, nossa inferência é de que esse é um processo de circulação entre o imaginário e o real a ser observado. Trata-se, em nossa perspectiva, da semiose midiaticizada. Todas as espécies animais têm essa “competência” (de materializar a experiência mental). O que singulariza a espécie humana são os processos de diferenciação, conectividade, inovação, digitalização, aldeamento com ampliação da escala que caracterizam essa semiose midiaticizada¹.

Os meios materiais têm a sua gênese em nossa experiência mental. Inclusive a tecnologia, que é, antes de tudo, o que está no imaginário. Sua materialização só ocorre com esse requisito. Sua realização em termos de uso

depende das operações que a fundam e propiciam, e do compartilhamento de imaginários sociais que caracterizam a sua gênese. Aqui, o processo de defasagens derivado entre práticas sociais anteriores e inovação pode ser disruptivo, regulatório e adjunto a novas inteligibilidades sociais, acionado por matrizes que podem ser marcadas pelas relações entre a tecnologia, a semiose e o social, a partir dos acessos, usos, práticas e apropriações diversas dos meios, constituição de circuitos sociais e processos de circulação que resultam das relações entre sistemas de produção e de recepção em matrizes complexas, pois nenhum meio está isolado em relação à constelação em que está inserido em cada tempo e espaço de sua existência.

Os processos disruptivos pertencem, nessa perspectiva, à semiose da natureza. Socialmente, eclodem nas interações da espécie, seja por processos psicológicos, sociais ou biológicos. Na perspectiva da midiaticização, interessam especialmente os casos derivados das mutações dos usos sociais dos meios, novas materializações das experiências mentais (biológicas, psicológicas e sociais), configurando circuitos que emergem, alterando correlações nas interações entre indivíduos, atores, organizações e instituições.

¹ Parte dessas características foram acentuadas na conferência de Andreas Hepp no III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiaticização e Processos Sociais. A ampliação da escala é uma dimensão sempre acentuada por Verón.

Assim, por exemplo, podemos compreender os processos midiáticos como relações entre os fluxos entre produção, meios e recepção, considerando especialmente as eras dos diversos meios e seus formatos (exemplo: a “era” dos meios impressos pré-industriais, a “era” dos meios industriais, a “era” dos meios digitais), em deslocamentos sempre feitos com a emergência de novas correlações no âmbito da semiose midiaticizada.

Já a questão comunicacional nesses processos requer a problematização das interações, as (con)versões em jogo, incluindo mundos íntimos, públicos e de especialistas. A midiaticização só é uma semântica tão em voga (moda) porque possibilita pensar essas diversas resultantes da matriz, em suas diversas interpenetrações. Essa matriz de interpenetrações é a primeira derivada da tríade proposta. Só permite uma primeira visita a casos de pesquisa empírica. Sua complexidade se desdobra, se considerarmos que cada uma das linhas (ou colunas) se desdobra em outras tríades e matrizes (a matriz dos processos de comunicação, dos meios/dispositivos e processos sociais).

Neste artigo, temos como foco as mutações da Eclésia em relação com a Ágora. Portanto, o objeto tem como foco uma das dimensões dos processos sociais – isso no contexto das interpretações sugeridas acima. Antes de

continuarmos, é importante destacar que optamos por substituir os operadores semânticos Eclésia, Ágora e Oikos – termos originais – por enquadramentos nas epistemologias contemporâneas. Traduzimos, nesse sentido, essa tríade em formulações nas quais encontramos referências teóricas e questionamentos profundos que nos convidam a repensá-la em suas relações com a midiaticização: campos sociais, espaço público e intimidades. Nossas formulações avançam no sentido de situar esses três espaços em mutações constantes, desde suas origens, pela midiaticização. Ou seja, os campos sociais, o espaço público e as intimidades são gestadas e se transformam nos processos de midiaticização.

A pergunta que se coloca, então, é: como tais processos configuram circuitos sociais, vínculos e rupturas, contraditórias e antagônicas? Este é um dos níveis de investigação do campo da comunicação. A materialização das experiências mentais concorre também nesse processo disruptivo, nas tentativas de regulações desses processos, em agenciamentos diversos, inclusive em formatos ideológicos e de relações de poder. A eclosão ou formatos nos processos sociais ampliados, retornando às interações (em sistemas de referências), transformando campos sociais, espaços públicos e intimidades constituem, nessa perspectiva, um dos objetos de pesquisa na linhagem da midiaticização, em que se insere o caso aqui apresentado.

Empiricamente, entretanto, essa formulação, que é teórica, demanda mediações de investigações que tenham como objeto casos construídos. Neste artigo, o caso se refere às relações entre processos disruptivos, emergentes em redes sociais a partir dos usos de atores individuais e coletivos em redes digitais e as tentativas sociais de regulação desses processos, especialmente pelo jornalismo, como referência (episteme) de inteligibilidade contemporânea (FERREIRA, 2016a). Nessas interações, há uma (re) configuração do espaço público específico relativo ao caso sociomidiático em estudo.

Outros casos correlatos foram investigados em torno dessas perspectivas. Nas pesquisas empíricas já realizadas no escopo dessa problematização identificamos diversas possibilidades (estudadas no âmbito do grupo de pesquisa) que apresentamos de forma sumária, localizando o foco deste estudo entre outras possibilidades:

- Auto-organização de atores em rede, em que os processos disruptivos são compensados pelas adaptações, alterando correlações entre organizações, instituições, midiáticas e midiaticizadas, e outros circuitos de atores em rede (Caso do Movimento #STO – Somos Todos Odebrecht).
- Acionamentos (da tematização ao agendamento) a partir dos meios usados por

organizações midiáticas produtoras de conteúdo (Caso do Goleiro Aranha, conforme KAEFER; FERREIRA, 2017), alterando correlações simbólicas de organizações e instituições, midiáticas e midiaticizadas, numa processualidade de interações em rede.

- Agenciamentos dos meios em circuitos regulatórios agenciados por instituições e organizações não especificamente midiáticas, mas que se midiaticizam quando se inserem estrategicamente nos usos sociais dos meios de conteúdo e em rede transformam as formas de interação com seus públicos (Caso do circuito do Padre Eterno, conforme CORTES; FERREIRA, 2018b).

Método

Utilizamos o argumento abduativo como método de construção do objeto de pesquisa em comunicação. A abdução é relativa à construção do objeto científico como resultado de dois argumentos entrelaçados: por um lado, do argumento dedutivo, em que as inferências são feitas a partir de proposições teóricas, acima apresentadas; por outro lado, de forma ascendente, do argumento indutivo, em que as inferências são feitas a partir de indícios relevantes. O entrelaçamento das inferências configura hipóteses (abdução) sobre o campo de observação.

Portanto, o método abduativo aqui sugerido não visa confirmar hipóteses conforme

apresentadas nas interfaces epistemológicas (primeira seção, acima). As interfaces, num campo constituído em relações, são concorrentes, como afirmamos acima. O caso é um feixe de relações inferidas entre possibilidades (hipotéticas) que devem ser especificadas considerando o objeto em estudo, com foco no objeto (disrupção, regulação e adaptação na perspectiva da midiatização), e o caso midiático (experimentações sociais). Nesse sentido, no âmbito do campo de possibilidades hipotéticas, emerge um caso acadêmico específico – que se manifesta enquanto hipótese singular sobre esse campo de observação.

Por analogia: o processo clínico (psicologia) não é a confirmação (dedução) de uma hipótese prévia, mas escanção de uma hipótese (caso) no contexto de um campo de possibilidades hipotéticas que compõe a teoria utilizada. Essa distinção é essencial, para que o caso midiático não seja apenas objeto de inferências dedutivas, o que, em si, pode se configurar enquanto inferências tautológicas.

Em termos dedutivos, mobilizamos proposições sobre os processos de midiatização, compreendidos como relações entre: a) usos, práticas e apropriações dos meios

e dispositivos; b) circuitos de interações configurados a partir dos meios, analisados a partir da circulação de sentido; c) inferências sobre as transformações da cultura. O objeto específico: disrupções, regulações e adaptações.

Em termos indutivos, buscamos, nos meios listados acima (campo de observação), indícios e inferências pontuais. Entre essas duas formas de inferência, é central o conjunto de inferências abduativas que “costuram” as inferências dedutivas e indutivas, buscando aproximações epistemológicas configuradoras do caso abordado.

Das lidas metodológicas (operações: do caso midiático ao caso acadêmico)

O caso Bruxa de Guarujá se interpõe, como objeto escolhido (FERIGOLO, 2016² apud FERREIRA, 2016b), pois é referência a *insights* preliminares diversos. Trata-se de um caso midiático que permitiu vislumbrar um cenário de interações midiáticas complexas, enriquecido por defasagens e marcado pelas materializações da experiência mental de atores sociais na página noticiosa *Guarujá Alerta*, alimentadas (como afirmamos na introdução) pela suposta existência de uma sequestradora que raptava e matava crianças na comunidade

2 FERIGOLO, Jorge. *Conhecimento, dialética, analogia e identidade na biologia de Aristóteles*. 2016. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2016. Disponível em: <<http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4136?show=full>>. Acesso em: 07 mar. 2020.

de Morrinhos, bairro situado na periferia da cidade de Guarujá, no litoral paulista, Brasil. O desfecho foi o linchamento da dona de casa (acusada de ser sequestradora) Fabiane Maria de Jesus, 33 anos, mãe de duas filhas, no dia 3 de maio de 2014.

Paulatinamente, o caso Bruxa de Guarujá foi por nós configurado num complexo caso acadêmico marcado por distintos lugares de fala, bem como por acionamentos discursivos pertinentes com a problemática de pesquisa apresentada na primeira seção, mobilizando meios midiáticos de largo espectro midiático, perpassando inscrições sociais, institucionais e jornalísticas.

Esse complexo caso midiático nos permitiu o primeiro *insight* dele quando a *Folha.com*, a partir de um registro de cotidianidade estipulado pelas políticas de editoração do site, desenvolveu estratégias regulatórias a fim de prover inteligibilidade em torno do linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus, confundida equivocadamente com uma sequestradora de crianças em decorrência de um boato distribuído em rede. A construção discursiva deste caso jornalístico se sustentou através de um esforço que procurava reconstituir o acontecimento relatado a partir do resgate de “mídias externas” produzidas por amadores que registraram o linchamento *in loco*, assim como por sondagens e testemunhos

que procuravam evidenciar ao leitor como o linchamento ocorreu (CHARAUDEAU, 2007).

Temos, aqui, uma tensão entre ruptura e regulação (FERREIRA, 2016a). Discute-se a pretensão universalista do jornalismo em querer se colocar como inteligibilidade. Esse caso jornalístico, por sua vez, serviu como porta de entrada para a nossa análise em retrospectiva de um outro caso, o acadêmico, imerso em imaginários e suposições discursivas e ordenado por outras lógicas e temporalidades. Talvez aqui seja possível falarmos em novas epistemes para a análise de processos sociais emergentes nas interações midiáticas. À sua maneira, os fluxos informacionais geridos no contexto da página noticiosa também buscavam elucidar o caso através do acionamento da circulação mobilizada através das interações entre múltiplos atores que, para além de construir inteligibilidade em torno do caso, configuram bifurcações e defasagens de sentido rumo a zonas interpretativas dispersas (KAEFER; FERREIRA, 2017), deixando notória a existência de um fluxo circulatório submetido a variadas divergências e descontextualizações.

Percursos

Em termos de trilha metodológica, o campo de observação permitiu inicialmente destacar a existência de dois casos: um deles circunscrito à órbita da página *Guarujá Alerta*

no *Facebook* e outro, ao site jornalístico *Folha.com*. Entretanto, já se apresentava um terceiro espaço a ser pensado, ilustrativo dos comentários suscitados na página e no site. A percepção de que havia três casos circunscritos a uma série maior de eventos foi fundamental para a estruturação do caso acadêmico, desenhado na forma de um circuito-ambiente que tensiona as linhas de força produzidas entre o site jornalístico, a página noticiosa e suas respectivas seções de comentários, espaço no qual transparecem sobras não reguladas. Tais “sobras” não evidenciam apenas uma recepção ativa e produtiva, mas também materializam expressões do campo receptor que se tornam visíveis em materialidades na espacialidade digital, tensionando os modos de operar do site jornalístico e da página noticiosa por subverter expectativas e apontar para um cenário de incerteza e indeterminação, característico de uma ambiência comunicacional configurada pela circulação quando em meios digitais em rede.

Essa perspectiva, entretanto, tem quer ser qualificada. Sem dúvida, tínhamos que considerar indícios preliminares em torno de uma observação ainda incipiente dos materiais empíricos que sustentavam as operações circunscritas a cada um dos três polos que compõem o circuito-ambiente desenhado: o site jornalístico, a página noticiosa

e as suas respectivas seções de comentários. Mas, por outro lado, estávamos tensionados por equívocos potenciais.

Um primeiro equívoco identificado consistia em afirmar a existência de um dualismo cartesiano entre os sistemas que acionam as operações do campo jornalístico e as operações da página noticiosa *Guarujá Alerta*. O risco dessa afirmação consistia em analisar os dois sistemas produtivos de forma absolutamente independente entre si, no máximo gerando pequenas irritações. Ao longo do processo de construção do caso, essa inferência foi revisitada, sendo confrontada com o siquenismo de Peirce ao propor que todos os processos estabelecem elos de continuidade, havendo inclusive uma inevitabilidade de interação entre eles. Ou seja, entre a notícia jornalística, a informação em uma página pretensamente informativa na internet e os comentários dos “leitores”, tanto no site jornalístico como nas páginas de um site informativo. A inferência de que há vários sistemas em interação evita, também, a proposição de que o jornalismo é o sistema (de inteligibilidade e regulatório) e o resto, ambiente (disruptivo).

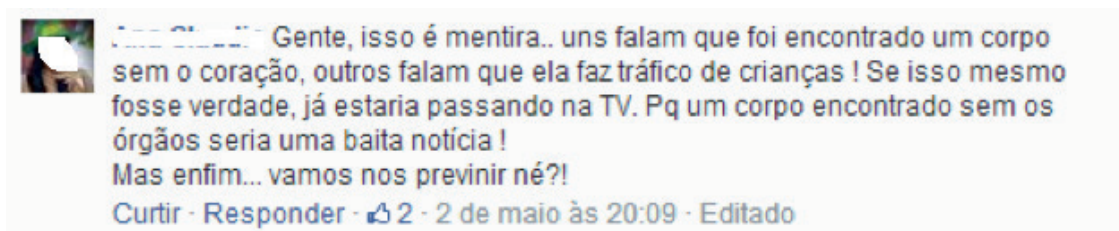
Essa fragilidade identificada ao longo desse primeiro movimento de socialização do caso entre os pares incidia na formulação de um texto demasiadamente organizado no sentido

de atribuir funções absolutamente antagônicas aos sistemas produtivos, situados em pontos extremos que não se contatavam. Em linhas gerais, esse dualismo preconizava que a informação sóbria, coerente e esclarecedora emanava do sistema produtivo jornalístico (regulações) e que a desinformação e o boato eram atributos da emergência daquilo que, à época, estávamos denominando como “lógica da cultura selvagem” (disrupções), refletida nas práticas discursivas dos atores sociais quando relegados à condição de enunciadores, especialmente na página *Guarujá Alerta no Facebook*.

Superando o dualismo

No entanto, uma análise mais aprofundada dos materiais de caráter empírico que sustentam a pesquisa revelou que uma série de informações atribuídas à “lógica da cultura selvagem” não se traduzia, necessariamente, em boato (marca das disrupções). Pelo contrário, não raro a informação ali alojada era absolutamente fidedigna e procurava, inclusive, minimizar os efeitos suscitados pela desinformação, como sugere o exemplo reportado abaixo, extraído da página *Guarujá Alerta* em 2 de maio de 2014, dia anterior ao linchamento de Fabiane Maria de Jesus.

Figura 1: Comentário realizado em Guarujá Alerta



Fonte: Página Guarujá Alerta, acessada em maio de 2014.

O depoimento atribuído a Ana C. é especialmente interessante para elucidar três problemáticas até aqui levantadas. Em primeiro lugar, a mensagem da jovem deixa explícito que o caso Bruxa de Guarujá é resultante de um boato infundado e, na primeira linha do seu texto, ela nos permite inferir essa convicção: “Gente, isso é mentira..”. A afirmação

inicial da internauta é indício de que, embora o enredo em torno do caso tenha conduzido à prevalência da ideia de que havia uma sequestradora de crianças no bairro de Morrinhos, em Guarujá, essa convicção definitivamente não era consensual. Parte das enunciações geridas pelos próprios atores sociais nas seções de comentários da página

Guarujá Alerta deixava notório esse permanente tensionamento entre a existência da sequestradora e a negação dessa mesma existência. Ou seja, desfazia-se aqui a inferência inicial de que a lógica acionada pelo campo da cultura era, exclusivamente, transmissora de desinformação.

O que de fato existia era uma justaposição entre dados contraditórios em torno do caso, permanentemente tensionados por circuitos conversacionais, pela emergência constante de informações que retroalimentavam esse circuito, bem como pelas ressignificações de todos esses dados através de interações geridas e protagonizadas em ambientes copresenciais que, embora distanciados das redes digitais, serviam de insumo para abastecê-las. Há, neste sentido, a formalização de um discurso gerado pelos atores sociais no mundo da vida que acaba adquirindo a dimensão de um discurso de sistema ao ingressar no *Facebook* e, partir daí, tomar contato com as lógicas midiáticas ali instaladas.

Em segundo lugar, o depoimento de Ana C. deixa transparente as interlocuções entre o sistema produtivo jornalístico e o sistema produtivo social. Embora a internauta não faça menção ao objeto jornalístico aqui trabalhado – o site *Folha.com* –, genericamente ela delega ao meio televisivo a tarefa de legitimar a veracidade do acontecimento. Indiretamente,

a internauta anuncia ao coletivo de seguidores da página que, em última instância, quem determina a veracidade ou não dos fatos corriqueiros é a televisão: “*Se isso fosse mesmo verdade, já estaria passando na TV*”, pontua Ana C.

Essa curta declaração deixa explícito o conhecimento da internauta em relação à estrutura do trabalho jornalístico, ao qual é atribuída a prerrogativa de oferecer sincronização e ordenamento à sociedade (regulação). O jornalismo aparece como sistema social de referência, especialmente no sentido de definir a agenda social. Isso também é uma característica forte da midiatização (BRAGA, 2007).

Nos moldes sugeridos por Darnton (2010), ao descrever as rotinas produtivas do jornal *The New York Times*, Ana C. tem a clara percepção de que, havendo legitimidade na história Bruxa de Guarujá, ela “caberia” perfeitamente à estrutura editorial da televisão por enquadrar-se no rol de acontecimentos dignos de serem noticiados. Uma lógica de reconhecimento, quiçá de hegemonia.

Em terceiro lugar, o relato da internauta sugere resquícios de incerteza e indeterminação. Apesar de sua convicção inicial de que a história da bruxa é falaciosa e de que a veracidade em torno desta narrativa precisaria estar legitimada por sua transmissão televisiva, a última linha da mensagem

sugere que, ainda assim, a bruxa poderia, de fato, transfigurar-se num personagem real: “Mas enfim... vamos nos prevenir né?!”, interroga e exclama ela. A convicção inicial da falseabilidade da história neste momento se converte num chamado à precaução, revelando a maleabilidade de sentidos concatenados à mensagem da internauta.

Para Ana C., a televisão não repercutir o acontecimento delimita a possibilidade de que a informação seja questionável enquanto verdade. Ainda assim, ela mantinha o caso em suspeita, muito provavelmente levando em consideração que muitos testemunhos legitimavam a existência da Bruxa nos circuitos em rede, embora se saiba que, provavelmente, essa coincidência decorresse do simples fato de várias pessoas partilharem os mesmos estereótipos e clichês, interpretando o fato de maneira idêntica, ainda que equivocada (KAPFERER, 1987).

Aqui, identificamos também outra discussão que tem na midiaticização seu eixo epistêmico: a incerteza e indeterminação emergentes nas interações nos novos ambientes e circuitos em que a “indústria cultural jornalística” concorre, de forma incerta e indeterminada,

com discursividades advindas de outros atores e instituições com acesso aos meios em redes digitais (FERREIRA, 2016b). Mas também podemos identificar o sistema social de resposta como forma de inteligibilidade, articulando, assim, a problemática da adaptação (novas inteligências que são construídas nas interações midiáticas) em um cenário de defasagens crescentes, observado no caso em investigação.

Reposicionando questões

Essas inferências permitiram novos questionamentos em relação à vocação dos relatos registrados na página Guarujá Alerta enquanto enunciados que, reunidos numa mesma espacialidade digital, serviram ao mesmo tempo para construir e desmitificar o boato. Tratava-se, agora, de buscar analogias com outras experiências sociais correlatas e, ao mesmo tempo, com referências teóricas externas à linhagem de pesquisa em que se insere a investigação.

As discussões levaram a um esforço rememorativo a fim de apontar casos em que o próprio campo jornalístico atuou discursivamente como elemento detonador de boatos. O caso da Escola Base³, datado de 1994, talvez seja

3 Escola Base foi uma escola particular do município brasileiro de São Paulo fechada em 1994. Seus proprietários, o casal Icushiro Shimada e Maria Aparecida Shimada, a professora Paula Milhim Alvarenga e o seu esposo e motorista Maurício Monteiro de Alvarenga foram injustamente acusados pela imprensa por abuso sexual contra alguns alunos de 4 anos.

o exemplo mais emblemático a revelar o fenômeno que chamaremos de “sinal trocado”, situação na qual a desinformação passa a ser produzida pela própria instância jornalística, desmitificando sua vocação reguladora.

Nessa mesma linha de raciocínio, é possível fazer menção ao website *boatos.org*⁴, espaço criado em 2013 pelo jornalista Edgard Matsuki com o objetivo de desmentir boatos geridos no espaço digital – os chamados *hoax* –, inclusive impulsionados pelo próprio campo jornalístico.

Essas aberturas nos levavam também a falsificar a proposição inicialmente formulada de que o boato da existência da sequestradora de crianças dizia respeito a uma narrativa que não tinha força de captura. Tornar-se-ia, dessa forma, maleável e permanentemente sujeita a reajustes que a faziam avançar sempre à frente conforme as lógicas específicas do boato, culminando em sua materialização em redes digitais para as ruas de Guarujá. É possível que, apenas em parte, essa afirmação guarde correspondência com a verdade. O fato é que essa narrativa permanentemente recriada em rede até a sua culminação num ato selvagem de linchamento capturou, com muita infelicidade, diversos espaços que lhe

atribuíram valor – página *Guarujá Alerta*, perfis pessoais no *Facebook*, *WhatsApp*, blogues –, gerando um intenso fluxo circulatório em torno de uma história permanentemente recriada por uma multiplicidade de atores que, via internet, passaram a participar do poder da produção, do acesso e do controle informativo. Em outras palavras, a disrupção discursiva se realiza socialmente (não é apenas ficção).

Caso o boato não capturasse as narrativas, como defendido no início da investigação, muito provavelmente ele não tomaria as proporções que alcançou e, assim, não se desdobraria num acontecimento factual. A intensificação do processo de circulação específica do boato é justamente o fenômeno responsável por direcioná-lo a zonas distantes da verdade, embora também o fizesse, em casos específicos, deparar-se com ela. Somada a isso, a vertente emotiva que ambientou a história da bruxa sequestradora foi decisiva para gerar um efeito simbiótico entre ficção e realidade, permitindo que os imaginários coletivos incidissem sobre o caso para além dos controles racionais (KAPFERER, 1987), ou além dos processos regulatórios e adaptativos da espécie conforme as referências sugeridas pela modernidade.

A entrada em cena do campo jornalístico (tardia?)

A partir do momento em que o boato se converteu num acontecimento factual devidamente documentado, circunscrito a um espaço e a uma temporalidade definidas – a exemplo do que aconteceu quando eclodiu o linchamento no seio da comunidade de Morrinhos –, o campo jornalístico, ainda que tardiamente, também se apropriou dele na tentativa de enquadrá-lo às suas regras e normativas regulatórias. O boato, aqui, foi revestido por critérios caros ao universo da noticiabilidade, transfigurando-se num acontecimento jornalístico, justamente aquele que deu início ao processo investigativo a partir de uma leitura descompromissada do site *Folha.com* e que animou o olhar em retrospectiva com o objetivo de identificar os variados objetos que simbioticamente estruturam o circuito-ambiente que tensiona esta pesquisa.

Contudo, desde as primeiras leituras em retrospectiva em torno dos conteúdos publicados, sempre chamou a atenção o fato de o campo jornalístico não destinar uma linha

sequer à suposta existência de uma sequestradora de crianças ao longo do período de disrupção do boato em rede. Ou seja, o campo jornalístico não se adiantou ao processo de sentenciamento popular de Fabiane para produzir um espaço de reflexão ética e moral capaz de criar a possibilidade de uma oposição ao processo que resultou em sua morte.

O que desencadeou esse “silenciamento”? Eis uma questão de pesquisa que emerge na própria investigação. Há várias proposições concorrentes a serem investigadas⁵. Observa-se que o campo jornalístico não empreendeu esforços com o intuito de regular o boato, mas sim os efeitos de sentido produzidos por ele quando materializado na forma de discursos. Essa é uma questão central em pesquisa, considerando haver uma certa formalização do boato via redes sociodigitais que, mais tarde, teve seus efeitos de sentidos regulados pelo sistema jornalístico. A partir deste instante, o boato perdeu progressivamente a sua força caótica, entrópica e disruptiva para ganhar a dimensão de compreensão e regulação

5 Uma delas foi sugerida pelo pesquisador Dr. Pedro Gilberto Gomes ao longo de um debate sobre a investigação. Na sua avaliação de hermenêutica, caso o campo jornalístico centrasse a sua ação na tentativa de regular o boato, corria-se o risco de se fazer uma exegese incorreta da realidade, fundamentada num ponto de partida esvaziado de significação. Em termos objetivos e factuais, o boato remeteria o jornalista a um objeto deslocado da realidade e impossível de ser “visto” ou registrado. Ao contrário do linchamento, o boato não “cabia” na estrutura editorial do site, pois seu caráter de acontecimento, até o instante da disrupção, estava estritamente centrado numa suposição.

através de um esforço organizativo mobilizado pela narrativa de um dispositivo de uma instituição midiática, aqui representada pelo site do jornal *Folha de S. Paulo*. Essa narrativa jornalística, contudo, não se sustentava de forma independente, precisando constantemente recuperar meios externos produzidos a partir da lógica e ponto de vista dos atores em rede que testemunhou *in loco* o acontecimento para o qual, tardiamente, o campo jornalístico procurou orquestrar sentidos.

Inferências indutivas sobre o campo de observação

As inferências se viabilizam no processo de arranjo metodológico do campo de observação. A partir desse arranjo, é possível selecionar os indícios pertinentes às inferências produtivas para formular o caso acadêmico. Nesse jogo, ampliam-se os materiais para análise, visando dar consistência a um conjunto de metáforas enriquecedoras da problematização proposta.

Situado o caso da Bruxa de Guarujá como sintomático de uma comunidade em crise no qual os processos sociais se intensificam através de fluxos comunicacionais em rede, uma questão central suscitada levantou questionamentos em relação à natureza do boato considerando a materialização em

redes digitais. Antes de findar com a existência do boato, relegando a sociedade a um status de transparência absoluta, a internet parece ter complexificado esse fenômeno ao multiplicar seus territórios e personagens de proliferação.

A explicitação em torno das lógicas constitutivas do boato num processo de midiatização em que as redes sociodigitais possibilitam novas configurações das redes sociais passou a demandar um esforço em torno de um gargalo recorrente na pesquisa: onde se articulavam os conceitos apresentados – circulação, midiatização, lógicas, disrupção, regulação, incerteza, indeterminação, defasagens – e as materialidades que compunham o *corpus* de análise empírica e que, teoricamente, deveriam oferecer sustentação às proposições e perguntas de base, ainda em fase de formulação.

Para isso, foi imprescindível debruçar-se, novamente, sobre os observáveis de cunho empírico, totalizando 13 postagens publicadas na página *Guarujá Alerta*, 33 materiais de cunho informativo e opinativo produzidos por jornalistas, colunistas e colaboradores da *Folha.com* e mais de 420 páginas extraídas das seções de comentários, tanto da página noticiosa quanto do site. A sistematização desses dados ofereceu nítidos

Quadro 1: Operações de sentido mobilizadas pela página *Guarujá Alerta* no *Facebook*

Semiose aberta	Compreende a construção de uma narrativa marcada pela imprecisão em torno daquilo que anuncia.
Cogestor tomado como lugar de produção	Compreende o lugar central ocupado pelo seguidor que, no contexto da página, desenvolve uma dupla vocação: ao mesmo tempo que usa informações ali publicadas, ele próprio é convocado a abastecer e dar inteligibilidade àquilo que a página anuncia.
Conflitos entre posições de produção	Compreende os desajustes e fragilidades da proposta enunciativa sugerida pela página em relação aos efeitos concretos em torno daquilo que anuncia, fazendo transparecer discussões e contendas entre comentaristas e administradores da <i>Guarujá Alerta</i> .

Fonte: Behs (2017).

avanços em relação ao “caráter impressionista”⁶ do texto original, permitindo observar as interposições de sentidos suscitadas pelo caso, bem como as articulações entre os objetos de análise, cada qual instituindo um acontecimento circunscrito à órbita de um circuito-ambiente complexo, como será explicitado na sequência da análise.

Para estruturar esse objeto metodologicamente, num primeiro momento foram elencadas grandes categorias que pudessem, além de organizar a diversidade de informações recolhidas, identificar os movimentos recorrentes/repetitivos que marcaram o funcionamento das três instâncias discursivas aqui confrontadas – a página *Guarujá Alerta* no *Facebook*, o site *Folha.com* e suas

respectivas seções de comentários –, considerando que “a frequência de repetição de um mesmo índice assinalaria possível característica mais geral” em torno dos objetos estudados (FERRARA, 2015, p. 127). Considerando o reduzido número de postagens da página *Guarujá Alerta* – 13 no total –, foi relativamente fácil identificar marcas concretas que indicassem as especificidades de sua enunciação. A partir desse primeiro movimento de análise foi possível constatar três características importantes que, recorrentes ao longo do tempo, estruturam a narrativa da página no *Facebook*, conforme indicado no Quadro 1.

Num segundo movimento de categorização, já mais complexo em função da quantidade

6 Crítica feita pelo pesquisador Antônio Fausto Neto, em seminário do Grupo de Pesquisa.

Quadro 2: Operações de sentido mobilizadas pelo site jornalístico *Folha.com*

Relato jornalístico como espaço do dilema	Compreende o esforço narrativo do site <i>Folha.com</i> em descrever Fabiane Maria de Jesus, para além de vítima de um linchamento originado por um falso boato, como uma figura subjetiva e dotada de características particulares. Estabelece o dilema entre a bruxa e a dona de casa, entre a suposta sequestradora e a mãe de família.
Discurso reportado nos títulos	Compreende o trabalho desempenhado pela narrativa jornalística no sentido de resgatar citações e projetá-las, na íntegra, nas manchetes de matérias informativas, “revestindo-se de um discurso que não é dela” (ROSA, 2012, p. 67).
Curadoria de conteúdo	Compreende o trabalho do jornalista em identificar, complementar, editar e incorporar à sua narrativa materialidades digitais postas em circulação por atores sociais midiáticos.
Acionamento de funções ideológicas	Compreende o deslocamento mobilizado pelo campo jornalístico ao tomar o caso individual como mote para o debate público de questões estruturais por ele suscitadas. Vislumbra-se, aqui, o caso da Bruxa de Guarujá como uma espécie de “tematização” para a construção do acontecimento eminentemente midiático.
Consulta a fontes oficiais e independentes	Compreende o trabalho de elucidação do caso através da consulta a fontes oficiais, bem como de contextualização através da consulta a fontes independentes.

Fonte: Behs (2017).

de dados publicados pela *Folha.com* – 33 materiais divididos entre matérias informativas, conteúdos opinativos e um editorial –, foram identificados cinco expedientes deontológicos e operacionais (*ad hoc*) que marcaram a cobertura do site, conforme indicado no Quadro 2.

Por fim, num longo e trabalhoso processo de leitura e categorização em torno de 414 páginas de comentários extraídas do *Guarujá Alerta* e outras 15 páginas extraídas do site *Folha.com*, foi possível identificar seis movimentos de resignificação/efeitos de sentido suscitados pelo caso quando reprojeto em rede pelos atores sociais, conforme indicado no Quadro 3.

Para além desses movimentos de resignificação do caso em direção a zonas interpretativas dispersas, puderam ser constatadas ainda quatro propostas de ações pontuais, interpretadas no contexto da pesquisa como respostas demandadas pelos atores sociais em torno de problemáticas suscitadas pelo caso, conforme indicado no Quadro 4.

É preciso deixar claro que inúmeros comentários dispersos produzidos tanto no contexto da página *Guarujá Alerta* quanto do site *Folha.com* não obedeceram a nenhuma das resignificações ou dos efeitos de sentido categorizados acima. Muitos deles, inclusive, acabaram simplesmente “esquecidos” em meio ao fluxo

Quadro 3: Operações de sentido mobilizadas pelos atores sociais via seções de comentários

17

Construção e desconstrução do boato - sistema social de resposta 1	Compreende a constatação de que a trama no qual o boato esteve envolto não gerou efeitos de reconhecimento consensuais entre os internautas. Enquanto alguns construíam discursivamente a figura de Fabiane enquanto sequestradora de crianças, outros alertavam para a falta de fundamento desses relatos.
Crítica da mídia - sistema social de resposta 2	Compreende o trabalho empreendido pelos internautas no sentido de deslocar a ênfase do discurso do caso em si para um movimento de crítica à cobertura midiática do caso, principalmente centrada na tônica sensacionalista dos materiais, na falta de critérios de checagem e nos riscos de oferecer papel co-gestor ao internauta. A figura central ativada neste processo é a jornalista Rachel Sheherazade
Inoperância do Estado, do sistema jurídico e da Prefeitura de Guarujá - sistema social de resposta 3	Compreende o trabalho discursivo a partir do qual os efeitos de sentido suscitados pelo boato deixam de estar circunscritos a uma problemática comunicacional, deslocando-se para a esfera política e judiciária. As figuras centrais ativadas neste processo são a então presidente Dilma Rousseff e o Partido dos Trabalhadores.
Representações religiosas	Compreende uma enormidade de discursos pautados em manifestações de crença/religião que procuram explicitar as motivações do linchamento, ratificando-o em alguns casos e refutando-o em outros.
Instinto e irracionalidade	Compreende um processo de resignificação do caso a partir de um olhar conjuntural em tomo dos instintos humanos. A sociedade, aqui, produz um discurso autorreferencial.
Banalização do caso	Compreende o trabalho discursivo que conduz o caso em direção a uma narrativa banalizada e desconectada contextualmente, fazendo prevalecer o sarcasmo e a ironia enquanto elementos que destoam do gênero trágico que perpassa a história da Bruxa de Guarujá.

Fonte: Behs (2017).

Quadro 4: Ações sociais reivindicadas discursivamente pelos atores sociais via seções de comentários

Linchar e matar a sequestradora de crianças	Compreende a construção de uma narrativa de ódio, conclamando os moradores a matar a sequestradora de crianças, mais tarde transfigurada numa personagem inocente.
Agredir os administradores da página	Compreende o esforço discursivo empreendido após a confirmação de que a história da Bruxa de Guarujá estava envolta num complexo boato, quando a ira dos comentadores se desloca da figura de Fabiane Maria de Jesus, já internada em estado grave, para os administradores da página Guarujá Alerta.
Proteger as crianças da comunidade de Morrinhos	Compreende uma retórica voltada a proteger as crianças da comunidade, não apenas ameaçadas pela existência de uma Bruxa, como também pela displicência dos pais e cuidadores.
Criar leis que regulamentem o uso da internet no país	Compreende um esforço enunciativo no sentido de sugerir leis capazes de regulamentar o uso da internet no país, evitando a proliferação de casos semelhantes.

Fonte: Behs (2017).

circulatório, sem alcançar uma sistematização organizativa que lhes permitisse avançar à frente e suscitar novas interações.

Esse complexo circuito de comentários, envolvendo discursos que se estendem e proliferam em rede e discursos que simplesmente não fazem história, é significativo para se compreender os efeitos da midiatização, “das marcas produzidas pela atividade da linguagem e da circulação” enquanto ambiência que complexifica os processos interacionais e dissipa, em maior ou menor escala, a construção de inteligibilidades (FAUSTO NETO, 2013, p. 58). Do mesmo modo, é preciso esclarecer que os processos comunicacionais em torno do caso extrapolam o código linguístico, que é permanentemente tensionado pelas “condições extralinguísticas do mundo, do pensamento, das relações entre os participantes da interação, das conjunturas do episódio – que pedem um processo adicional ativo (inferências) para completar a comunicação” (BRAGA, 2010, p. 75). Se há dissipação, questiona-se, na investigação, a força das lógicas de inteligibilidade construídas, discute-se o jornalismo como lugar regulatório.

Nestes termos, o boato em torno da Bruxa de Guarujá ocupa um lugar ambíguo, ganhando forma em sua articulação entre a ambiência das redes sociodigitais

e a ambiência das ruas, da comunidade, do contato presencial, enfim, do mundo da vida. Embora os discursos e interações decorrentes de um contato face a face não estejam materializados para fins de pesquisa, é preciso considerar sua incidência sobre aquilo que é materializado em redes digitais, assim como as redes sociodigitais, que, ao reabastecerem a si próprias, também retroalimentam as construções de sentido articuladas na rua. A interação, nestes termos, diz respeito a um fenômeno que “se expande ambientalmente e é construído pela própria comunicação no seu fazer-se: um processo que, em evolução, se transforma e supera a anterior configuração em que se apresenta” (FERRARA, 2015, p. 17).

No contexto da pesquisa em que se formula o caso acadêmico aqui apresentado, é possível inferir que as regulações sociais se manifestam de forma especial nos processos midiáticos, configurando possibilidades do espaço público. Essa formulação é já conhecida, sob diversas perspectivas teóricas, em especial as que acentuam a dimensão das relações ideológicas e de poder dos meios transversais (como, por exemplo, a teoria da indústria cultural). Mas a regulação, no caso investigado, não se refere a um poder e ideologia unidimensionais, ou a um poder simbólico homogeneizante, condensado no que se chama de “campo midiático”.

A hipótese geral, acentuada no caso investigado, é de que a regulação é um processo, contraditório e antagônico, que demanda adaptações dos meios organizados enquanto produção de especialistas (os jornalistas) às formas de interação em jogo, em que as disrupções se constituem noutro “polo”, num contínuo de desafios de incertezas e instabilidades. A eclosão dos esquemas culturais condensados em boato não é uma positividade, e sim um processo negativo da cultura (que pode ser caracterizado como impulso de morte) que demanda dos especialistas um trabalho de resolução técnica (protocolos do jornalismo) como “forma de esclarecimento” (inteligibilidade) dos impasses e dilemas da cultura. Nesse sentido, a adaptação, no caso construído, não é, necessariamente, aquela configurada por ações comunicacionais (respostas) do tipo ideal (como poderia sugerir uma teoria da ação comunicativa). É uma forma de pacificação tecnocultural que só aproximativamente coloca em xeque os esquemas culturais subjacentes às disrupções. E, nesse sentido, a regulação é frágil como resposta e inteligibilidade sociais. As disrupções podem retornar em outros processos e acontecimentos midiáticos.

Considerações finais

Como se argumenta na seção sobre o método, trata-se, na construção do caso acadêmico,

de definir hipóteses singulares (cruzamento entre as hipóteses de partida e as inferências indutivas singulares). Essas hipóteses, sendo singulares, não são aproximativas. Somente através de analogias com outros casos em investigação seria possível fazê-las avançar em direção a generalizações e transversalidades. Essas três hipóteses estão reunidas em três esferas: a) a dos processos midiáticos em conformidade com o circuito-ambiente investigado; b) a das mediações, compreendida como conexões entre esses processos e a cultura; c) a da midiática, como inteligibilidade do feixe de relações considerando-se o caso e o contexto epistemológico proposto.

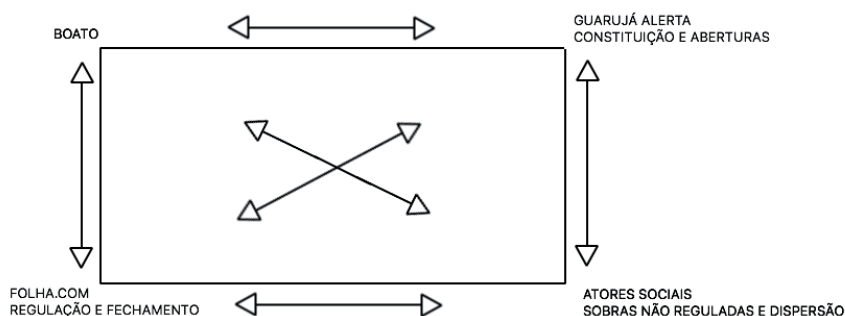
Os movimentos de inferências nos permitiram desenhar interações entre as três instâncias discursivas, arquitetadas na forma de um circuito-ambiente no qual se identificam usos, práticas, tentativas de apropriações e defasagens entre produção e recepção, contribuindo para a formulação de um diagrama sobre os processos analisados (FERREIRA, 2016b). Constituiu-se, assim, um modelo que busca explicar o caso, sinalizando para a interação comunicacional enquanto fenômeno resultante de um repertório de signos que, mobilizados pela interação, deixam transparecer uma zona comum permanentemente tensionada por zonas de diferenças (FERREIRA, 2016b).

A potência relacional atribuída ao circuito-ambiente, desenhado na forma de um diagrama tensionado por operações técnicas e discursivas acionadas em outros circuitos tangenciais, permitiu enxergar os processos de produção de sentido em torno do caso devidamente articulados, tornando viável identificar atribuições – técnicas, sociais e discursivas – preponderantes em cada uma das três instâncias que operacionalizam o boato e seus respectivos desdobramentos. Dessa forma, explica Ferreira (2016b), foi possível construir uma relação entre o diagrama e o fato observado, considerando que os processos ali representados não são idênticos ao objeto que o diagrama representa, mas sim análogos. Muito além de representar um artefato auxiliar ou armadura, o funcionamento do circuito-ambiente apresentado abaixo permite inferir sobre o boato ao ser

operacionalizado, em rede, por três instâncias discursivas.

A análise das interações estabelecidas no contexto do circuito-ambiente desenhado encaminha a proposição que permite a compreensão da página *Guarujá Alerta* enquanto catalisadora de mensagens produzidas por atores sociais projetados em rede, oferecedora do “start” de constituição do boato através de enunciações imprecisas e suscetíveis a uma larga margem interpretativa. O site *Folha.com*, por sua vez, acionou processualidades e deontologias características da construção narrativa jornalística com o intuito de oferecer balizas regulatórias capazes de explicar o caso a partir de seu desdobramento em ato trágico: o linchamento da dona de casa Fabiane Maria de Jesus. Por fim, as seções de comentários explicitaram a irrupção da palavra social

Diagrama 1: Relações no circuito estudado



Fonte: Behs (2017).

reprimida expressa pelos atores sociais, projetando o caso em direção a uma zona de ressignificações dispersas que apontam para a incapacidade de se alcançar uma equanimidade entre produção e recepção, considerando as defasagens de sentidos enquanto elemento estrutural desta relação. Isso significa dizer que, entre produção e recepção, não há sentidos gerados simetricamente.

Com base na identificação dos “modos de dizer” de cada uma das três instâncias enunciativas que compõem o circuito-ambiente, cada qual mobilizadora de lógicas e estratégias discursivas específicas, a investigação identifica a emergência de três acontecimentos pontuais que, interligados pelos movimentos circulatórios em rede, permitem estruturar o caso consolidado enquanto processualidade e interpenetração de lógicas, entre as quais identificamos lógicas a serem elucidadas no estudo.

O primeiro acontecimento, dado a conhecer pelo funcionamento discursivo da página *Guarujá Alerta* no *Facebook*, diz respeito às operações que constituíram o boato em rede (disrupção). O segundo acontecimento, dado a conhecer pelo funcionamento difuso dos comentários projetados por atores sociais relegados à condição de atores em rede, é sintomático do momento em que o fluxo em rede alcança o seu limite, fazendo o boato culminar

em um linchamento precisamente localizado no tempo e no espaço. Por fim, o terceiro acontecimento, dado a conhecer pelo funcionamento discursivo do site jornalístico *Folha.com*, desenvolve estratégias regulatórias em torno do caso, buscando gerar explicações e “fechar” o fluxo circulatório.

Muito antes de se constituir enquanto espaço de passagem dos fluxos comunicacionais entre um ponto e outro, o que faz o circuito-ambiente no contexto do caso estudado é multiplicar a existência de produtores de conteúdo (administradores da página, atores sociais, jornalistas, colunistas) situados em lugares produtivos distintos (um site e uma rede social), operacionalizados por estratégias de produção diversas. Num ambiente com tal complexidade, explica Ferreira (2016b, p. 9), “a incerteza e a indeterminação passariam a configurar a característica do ambiente interacional”, permanentemente tensionado por questões de ordem afetiva (a necessidade de proteger a comunidade contra a suposta bruxa), patologias (a realização do boato na forma de um linchamento) e premissas regulatórias (considerando que o fato em questão existia antes mesmo do campo jornalístico tentar gerar explicações em torno dele).

A questão singular, então, foi situada em novo lugar: como os processos midiáticos revelam os impasses da sociedade entre os

códigos (normas, regras, lógicas) e os movimentos disruptivos, sendo o campo midiático o lugar onde os dilemas da cultura se revelam, assim como são operacionalizados e transformados?

Uma inferência possível é de que Fabiane Maria de Jesus foi relegada à condição de bode expiatório sintomático de uma série de recalcamientos coletivos que afligem a comunidade onde vivia. Haveria, neste sentido, um vácuo deixado pelas instituições autorizadas, como a polícia e a justiça, refletido na história dessa personagem, fazendo eclodir um cenário marcado pela “perda radical do propósito social, o fim das regras e das ‘diferenças’ que definem as ordens culturais” (FURTADO; FRANCK JÚNIOR, 2014, p. 123).

O que queremos dizer com isso é que, embora Fabiane tenha encarnado fantasiosamente a figura da bruxa sequestradora, vinculando-se a representações mentais distanciadas da realidade, sua história revela verdades ocultas que, em parte, podem ser apreendidas pelas defasagens de sentido em torno do caso dadas a conhecer pelas mensagens dos internautas nas seções de comentários. De fato, não havia uma bruxa. Havia uma comunidade permeada por recalcamientos, manifestos na história dessa bruxa construída midiaticamente, e incapaz de reconhecer naquela narrativa ficcional os contornos característicos

de um boato enquanto formalização de imaginários gestados pelo discurso.

Essa incapacidade dos moradores de Morrinhos em identificar a história da bruxa enquanto reflexo de um boato construído em seu espaço social decorre, em primeiro lugar, da simples constatação de que as informações subsumidas àquela narrativa condiziam com um quadro de referências que fazia sentido aos inseridos numa comunidade em crise. Em segundo lugar, a essa bruxa mais tarde havia sido atribuído um crime amplamente reprovável, considerando o pressuposto de que as crianças são tidas como a própria continuação da comunidade. Por fim, Fabiane atendia ao estereótipo do bode expiatório: ela vivia numa comunidade pobre, desestruturada e à margem do olhar da polícia, das autoridades judiciárias e da imprensa. Também havia sido diagnosticada com transtorno bipolar, o que automaticamente já a projetava à condição de uma mulher “estranha” frente aos perseguidores, além do que a sua imagem “substitui todos inimigos que cada membro do grupo poderia ou gostaria ter vitimado nos seus conflitos interindividuais” (FURTADO; FRANCK JUNIOR, 2014, p. 116).

Retornando às hipóteses concorrentes, o caso acadêmico construído permite aproximações produtivas para formulações sobre os

processos de disrupção, regulação e adaptação em processos midiáticos. A disrupção é uma potência nas redes, em parte debilitada à inserção dos receptores nos processos de produção discursiva. Nessa perspectiva, o reconhecimento em redes de indivíduos sem formação específica para a discursividade em espaço público pode gerar demandas de formação (BRITES; AMARAL; CATARINO, 2018), de políticas públicas (WARDLE, 2017) e jornalismo de verificação (SEIBT, 2019), entre outras alternativas em discussão no campo da comunicação. Entretanto, também há convergência em considerar, mesmo quando em outras perspectivas epistemológicas, que tais processos alimentam um processo que coloca em xeque a informação jornalística (WARDLE, 2017), desafiando o projeto democrático configurado nos conflitos da modernidade. Tais formulações remetem à novidade: a possibilidade de que as narrativas disruptivas ultrapassem os jogos dramáticos e cheguem, como no caso estudado, a formas mais trágicas nas interações sociais. São novas formas de inteligibilidade em curso.

O que difere do caso midiático aqui abordado? Queríamos investigar como o jornalismo configurado como práticas no século passado (campo de especialistas) interage com o novo ambiente, em que atores (vindo de diversos espaços privados) em rede disputam o espaço discursivo com visibilidade no espaço público.

Uma nova conjuntura: no século passado (apenas para nos referir à “era dos meios de conteúdo”), a gestão dos processos de informação passou por uma formação em ofícios midiáticos, seja na forma de artesanato, de manufatura ou indústria cultural que agenciava coletivos de produção. Esses detinham a hegemonia, oligopólio ou monopólio da fala, conforme os meios de produção de conteúdo que governavam a galáxia midiática no século passado e conforme cada formação história e nacional específica.

Nesse século, os sistemas de produção em rede, como acentuado no desenvolvimento do argumento, geram um novo ambiente discursivo. No caso específico estudado, a regulação só ocorre *post mortem*. Nesse sentido, o caso confirma a importância de investigações que buscam novas formas adaptativas (no trânsito que vai das políticas públicas a um novo jornalismo, passando pela formação para os meios), com potência para (re) configurar o ambiente derivado dos processos midiáticos para além dos riscos que se acentuam com processos disruptivos e degenerativos do espaço público.

Referências

BRAGA, José Luiz. Miatização como processo interacional de referência. *In: Imagem, visibilidade e cultura midiática*. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 141-167.

- BRAGA, José Luiz. Nem rara, nem ausente: tentativa. **Matrizes**, São Paulo, v. 4, p. 65-81, 2010.
- BRITES, Maria José; AMARAL, Ines; CATARINO, Fernando. A era das “fake news”: o digital storytelling como promotor do pensamento crítico. **Journal of Digital Media & Interaction**, v. 1, n. 1, p. 85-98, 2018.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.
- CORTES, Dinis Ferreira; FERREIRA, Jairo. Une religion à double lien: médiatique et religieux? (Afipe, Brasil). **Revue française des sciences de l’information et de la communication**, v. 13, n. 13, 2018, p. 1-23, 2018b.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.
- FAUSTO NETO, Antônio; SGORLA, Fabiane. **Zona em construção: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística**. Salvador: Compós, 2013.
- FERRARA, Lucrécia D’Alessio. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Paulus, 2015.
- FERREIRA, Jairo. Meios, dispositivos e médium: genealogia e prospecções na perspectiva da midiática. In: FERREIRA, Jairo; ROSA, Ana Paula; BRAGA, José Luiz; FAUSTO NETO, Antônio; GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **Entre o que se diz e o que se pensa: onde está a midiática?** Santa Maria: FACOS-UFSM, 2018. p. 283-298. (v. 1).
- FERREIRA, Jairo. Adaptação, disrupção e regulação em dispositivos midiáticos. **Matrizes**, São Paulo, v. 10, p. 135-153, 2016a.
- FERREIRA, Jairo. A construção de casos sobre a midiática e circulação como objetos de pesquisa: das lógicas às analogias para investigar a explosão das defasagens. **Galáxia**, São Paulo, v. 33, p. 199-213, 2016b.
- FERREIRA, Jairo. **Midiatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação**. **E-Compós**, Brasília, v. 10, p. 1-15, 2007.
- FURTADO, Letícia de Souza; FRANK JÚNIOR, Wilson. O linchamento de Guarujá e a violência mimética de René Girard. **Iurisprudencia: Revista da Faculdade de Direito da AJES**, Juína, v. 3, n. 5, p. 107-134, 2014.
- KAEFER, Cintia Miguel; FERREIRA, Jairo. A instabilidade nas interações acionando circuitos-ambientes midiáticos: o caso do goleiro Aranha e da torcedora Patrícia Moreira. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 24, p. 66-93, 2017.
- KAPFERER, Jean-Noël. **Boatos: o meio de comunicação mais velho do mundo**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1987.
- SEIBT, Tais. *Jornalismo de verificação como tipo ideal: a prática de fact-checking no Brasil*. 2019. 265 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.
- VERÓN, Eliseo. Teoria da midiática: uma perspectiva semioantropológica e algumas de suas consequências. **Matrizes**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 13-19, jan./jun. 2014.
- _____. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- _____. **La semiosis social, 2: ideas, momentos, interpretantes**. Buenos Aires: Paidós, 2013.
- WARDLE, Claire. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Strasbourg: Council of Europe, 2017.

Informações sobre o artigo

Resultado de projeto de pesquisa, de dissertação, de tese: O artigo é resultado da tese de doutorado intitulada *Disrupções e regulações em circuitos e circulações difusas: a construção do caso sobre o boato da Bruxa de Guarujá* (2017), com adaptações posteriores realizadas em conjunto com Jairo Ferreira, orientador da referida tese, no contexto de pesquisas sobre processos de adaptação, disrupção e regulação em processos midiáticos.

Fontes de financiamento: Jairo Ferreira é bolsista PQ-CNPq.

informar o código do processo do projeto financiado: Não se aplica.

Considerações éticas: Não se aplica.

Declaração de conflito de interesses: Não se aplica.

Apresentação anterior: Não se aplica.

Agradecimentos/Contribuições adicionais: Não se aplica.

Mediatization, disruptions, regulations and adaptations: hypotheses about the relationship between rumor and news in the case of “the Guarujá Witch”

Abstract:

This article presents a hypothesis about the media case we call Witch of Guarujá, a socio-media process with emerging specificities in the social uses of digital networks (constituting social-digital networks) which culminated in the lynching and death of an innocent woman. Firstly, we contextualize the theme, the epistemological perspective (the perspective of mediatization, specifically about disruption, regulation and adaptation in media processes) and the method (abduction as central in the process of inferences). Subsequently, we problematize the media case in its singularity, in the tension between the logic of rumors and the journalistic logic of information, situated in the context of the uses of network media by actors and institutions. In terms of conclusion, we present the hypothesis (the academic case) about the topic addressed, after a set of methodological actions which enabled us to consolidate schemes and grounded diagrams.

Keywords:

Mediatization. Disruption. Regulation. Adaptation. Rumor. Journalism.

Midiatización, disrupciones, regulaciones y adaptaciones: hipótesis sobre las relaciones entre el rumor y la noticia en el caso “la Bruja de Guarujá”

Resumen:

Este artículo presenta una hipótesis sobre el caso mediático que designamos como Bruja de Guarujá, un proceso sociomidiático con especificidades emergentes en los sociales de las redes digitales (configurando redes sociodigitales) que culminó en la forma de linchamiento y muerte de una mujer inocente. En primer lugar, contextualizamos el tema, la perspectiva epistemológica (la perspectiva de la mediatización, específicamente sobre disrupción, regulación y adaptación en procesos mediáticos) y el método (abducción como central en el proceso de inferencias). Posteriormente, problematizamos el caso mediático en su singularidad, en una tensión entre lógicas del rumor y lógicas de la información periodística, situada en el contexto de los usos de los medios en red por actores e instituciones. En términos de conclusión, presentamos la hipótesis (caso académico) sobre el tema abordado, después de un conjunto de accionamientos metodológicos que nos posibilitaron consolidar esquemas y diagramas fundamentados.

Palabras clave:

Mediatización. Disrupción. Regulación. Adaptación. Rumor. Periodismo.

ID 1881

Mediatização, disrupções, regulações e adaptações: hipóteses sobre as relações entre o boato e a notícia no caso “a Bruxa de Guarujá”

Jairo Ferreira

Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor Titular I do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos–Unisinos. Pós-doutor em comunicação pela Universidade Nacional de Rosário (Argentina).

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: jferreira@unisinos.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4540-0572>

Micael Behs

Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Coordenador do curso de Jornalismo e do Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades, Artes e Tecnologias na Unisinos. Professor no curso de Jornalismo da Univates, Lageado, Rio Grande do Sul, Brasil.

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.

E-mail: micaelvier@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9824-9151>

Contribuições dos autores**Concepção e desenho do estudo:**

Micael Behs, Jairo Ferreira

Aquisição, análise ou interpretação dos dados:

Micael Behs

Redação do manuscrito: Micael Behs, Jairo Ferreira**Revisão crítica do conteúdo intelectual:**

Micael Behs, Jairo Ferreira